



**ESCREVIVÊNCIAS DE DUAS MULHERES, MÃES, LÉSBICAS DE
RELACIONAMENTO INTERRACIAL E ESTUDANTES DO CURSO DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UEMG¹**

**ESCRITOS DE DOS MUJERES, MADRES, LESBIANAS EN RELACIONES
INTERRACIALES Y ESTUDIANTES DE LA LICENCIATURA EN PEDAGOGÍA DE
LA UEMG**

**WRITINGS OF TWO WOMEN, MOTHERS, LESBIANS IN INTERRACIAL
RELATIONSHIPS AND STUDENTS ON THE DEGREE COURSE IN PEDAGOGY AT
UEMG**

*Ana Carolina Marques Reis²
Rayane Kênia Marques Reis³
Otavio Henrique Ferreira da Silva⁴*

RESUMO

O objetivo deste texto é escrevivenciar a trajetória de duas mulheres, mães LGBTQIAPN+ de relacionamento interracial, apresentando as demandas sociais em que estão sujeitas na formação universitária e na vida profissional. Utilizaremos da metodologia escrevivência a fim de tentar visibilizar nossas trajetórias em interface com a educação, tomando como referência Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, autoras negras fundamentais para a cosmovisão do pensamento que aqui conflui. De uma forma geral, este artigo torna-se um espaço importante para contarmos nossa trajetória enquanto atores sociais de nossas próprias vidas, perpassando pelos desafios que enfrentamos e situações onde ninguém acreditou que seríamos capazes de chegar. Mesmo diante de uma sociedade racista e homofóbica, estamos burlando as estatísticas e trilhando um caminho honroso. Muitas coisas aconteceram para chegarmos até aqui, mas acreditamos e estamos empenhando ao máximo para poder de forma honrosa chegar ao nosso maior

¹ Este artigo é uma adaptação da pesquisa desenvolvida e concluída em 2023 pelas duas primeiras autoras e contando com as contribuições de orientação do terceiro autor.

² Pedagoga pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professora da Educação Básica.

³ Pedagoga pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professora da Educação Básica.

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).



objetivo enquanto mães, mulheres, educadoras. Esperamos que nossas histórias aqui escritas, se tornem fonte de inspiração para muitas outras pessoas.

Palavras-chave: Escrivência; Relacionamento Interracial; Maternidade, Estudantes Universitárias.

RESUMEN

El objetivo de este texto es escribir y dar a conocer la trayectoria de dos mujeres, madres LGBTQIAPN+ en una relación interracial, presentando las demandas sociales a las que están sometidas en su formación universitaria y vida profesional. Utilizaremos la metodología WritingVence para intentar visualizar nuestras trayectorias en interfaz con la educación, tomando como referencias a Conceição Evaristo y Carolina Maria de Jesus, autoras negras fundamentales para la cosmovisión de pensamiento que aquí converge. En general, este artículo se convierte en un espacio importante para contar nuestra trayectoria como actores sociales en nuestras propias vidas, recorriendo los desafíos que enfrentamos y situaciones que nadie creía que seríamos capaces de alcanzar. Incluso frente a una sociedad racista y homofóbica, eludimos las estadísticas y seguimos un camino honorable. Muchas cosas pasaron para llegar hasta aquí, pero pensamos y estamos haciendo lo mejor para alcanzar honorablemente nuestro principal objetivo como madres, mujeres, educadoras. Esperamos que nuestras historias aquí escritas se conviertan en una fuente de inspiración para muchas otras personas.

Palabras clave: Escribiendo; relación interracial; Maternidad, Estudiantes Universitarios.

ABSTRACT

The objective of this text is to write and announce the trajectory of two women, LGBTQIAPN+ mothers in an interracial relationship, presenting the social demands to which they are subject in their university education and professional life. We will use the WritingVence methodology in order to try to visualize our trajectories in interface with education, taking as references Conceição Evaristo and Carolina Maria de Jesus, black authors fundamental to the worldview of thought that converges here. In general, this article becomes an important space for us to tell our trajectory as social actors in our own lives, going through the challenges we faced and situations that no one believed we would be able to reach. Even in the face of a racist and homophobic society, we are circumventing the statistics and following an honorable path. Many things happened to get us here, but we think and are doing our best to honorably reach our main objective as mothers, women, educators. We hope that our stories written here become a source of inspiration for many other people.

Keywords: Writing; Interracial Relationship; Maternity, University Students.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é escrivenciar a trajetória de duas mulheres, mães LGBTQIAPN+ de relacionamento interracial, apresentando as demandas sociais em que



estão sujeitas na formação universitária e na vida profissional. Assim, as escrevivências partem de Ana Carolina Marques Reis (Carol) e Rayane Kênia Marques Reis (Ray), um casal de mulheres LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não-binário e o + que representa as demais orientações sexuais e variações de gênero) de relacionamento interracial, estudantes do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e mães da criança Isis Maria Marques Reis.

Nós Carol e Ray somos filhas de mães viúva e solo, de classe baixa brasileira e vivenciamos desde muito cedo situações difíceis. Observamos a luta de suas mães pela sobrevivência e apesar de tudo, nunca desistimos de seus sonhos. Nós Carol e Ray somos profissionais da educação básica, atuando no momento como auxiliar de classe e monitora de inclusão e enfrentamos barreiras em nossas profissões pelas nossas especificidades enquanto sujeitos. Ambas sonham e lutam por um futuro justo em que consigam viver e não apenas sobreviver.

Entre fraldas, textos, afazeres domésticos, vida matrimonial e cansaço profissional, vamos resistindo à sociedade capitalista e patriarcal em que vivemos. Aqui neste artigo utilizaremos da metodologia escrevivência a fim de tentar visibilizar nossas trajetórias em interface com a educação, tomando como referência Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus autoras fundamentais para a cosmovisão do pensamento que aqui conflui.

Assim, de modo geral, apresentaremos nossas trajetórias de vida e realidades sociais enfrentadas desde o nosso nascimento até os dias atuais, visibilizando as escrevivências de pessoas LGBTQIAPN+ na área da educação, seja da formação e da atuação profissional.

2. ESCRIVIVÊNCIAS

Usando como fundamento base a teoria de Conceição Evaristo sobre escrevivência, utilizaremos de nossas experiências pessoais para nos conectar com nossos iguais e desiguais, pessoas que vivem em um contexto social marginalizado e tão

comum e cheio de especificidades. Como destaca Soares e Machado (2017, p. 217) a “reflexão quanto aos marcadores sociais de diferença, que podem ser apresentados pela escrevivência, permite explorar aspectos particulares de experiências de subjetivação e de contato com o aparato público”.

Estamos habituadas a sobreviver das diversas maneiras que encontramos, sempre buscando uma que faça sentido dentro da nossa realidade, dentro da universidade conhecemos diversos métodos de escrita e dentre eles nos encontramos na escrevivência, metodologia esta que nos permite dar visibilidade a nossa trajetória. Assim, destaca-se

[...] a ficção como um modo de resistência presente na escrevivência evaristiana, ao passo que, na escrita, pessoas submetidas a situações de crise, podem encontrar modos de transpor os revezes e seguir existindo. Acrescenta: “o que veremos é que resistir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, a escrevivência se torna um recurso de emancipação” (MELO E GODOY, 2017, p. 1289 *apud* SOARES E MACHADO, 2017, p. 206,).

Acreditamos existir uma auto-representação na escrita, que o indivíduo é capaz de opinar, exclamar e apontar sobre aquilo que conhece. E o repertório de uma mulher pobre e/ou negra e LGBTQIAPN+, por exemplo, é contar sobre a vida excludente em que vive e falar sobre o contexto social em que sobrevive,

Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência), das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2003, p. 6).

As escrevivências são escritas carregadas de resistência, que podem chocar pelos desafios cotidianos, como destaca Carolina Maria de Jesus no livro “Quarto de despejo”.

Como é que uma pessoa que não teve educação escolar consegue compreender e expressar tão bem a realidade dos pobres e dos miseráveis? Não é preciso ser letrado para compreender que o custo de vida está nos oprimindo” (JESUS p. 170, 2004).

A etnografia, autobiografia e a escrevivência, se apresentam como formatos de pesquisa que tem a sensibilidade de incluir e respeitar as realidades dos povos marginalizados na sua apresentação mais próxima do real para o texto acadêmico. Assim, utilizaremos nesta pesquisa o método da escrevivência como meio de visibilizar a nossa realidade que pode ser também a realidade de outros casos semelhantes. Acreditamos que conhecer as vivências das pessoas, incluindo a nossa, é importante para entender o processo de cada um em seus objetivos de vida, seja ele ser estudante, profissional ou materno e que pode convidar a universidade, a escola, o mundo do trabalho a repensarem o seu tratamento a mulheres, lésbicas, mães, negras ou não. A escrevivência como diz Evaristo é comprometer a escrita acadêmica com a vida, e a vida com a escrita.

Aos olhos de Evaristo, ainda criança, aquela era uma escrita corporal, todo o corpo de sua se envolvia naquele ato, coxas, bacia, pernas, singularizando-o a partir de seu cotidiano. Sua mãe escrevia no papel-chão. Ao se recordar desse momento, Evaristo parece alinhar a ideia de “escrevivência”, a partir de duas importantes perguntas que aparecem no texto: “é preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”(EVARISTO, 2007 *apud* CARNEIRO, 2021, p. 24).

Agora, passaremos o foco central do estudo que é escrevivenciar as trajetórias de duas mulheres, mães LGBTQIAPN+ de relacionamento inter-racial, apresentando as demandas sociais em que estão sujeitas em suas formações universitárias e vidas profissionais.

3. AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DUAS MULHERES LGBTQIAPN+ DE RELACIONAMENTO INTER-RACIAL

Ao longo deste trabalho, iremos contar sobre a nossa trajetória, desde a infância até o período atual. Contaremos nossa trajetória enquanto atores sociais de nossas



próprias vidas. Desafios que enfrentamos, situações onde ninguém acreditou que seríamos capazes de chegar. Mesmo com uma sociedade racista, homofóbica, preconceituosa, estamos burlando as estatísticas e trilhando um caminho honroso. Muitas coisas aconteceram para chegarmos até aqui, mas acreditamos e estamos empenhando ao máximo para poder de forma honrosa chegar ao nosso maior objetivo enquanto mães, mulheres, educadoras.

Nos conhecemos na faculdade, parece até que o universo preparou aquele encontro. Parece piegas essa afirmação, mas foi assim que aconteceu, precisávamos ser salvas de uma vida sem amor quando fomos unidas pelo sagrado feminino. Sagrado este que segundo Regiane Machado (2020) é um movimento de despertar, de cura, de conexão e de empoderamento de mulheres. É um mundo de mistérios e clareza. De início era uma parceria acadêmica, horas há mais no campus, sentadas pelos corredores a fim de apenas estarmos juntas enquanto em silêncio estudávamos para provas, líamos textos e fazia trabalhos. Por muitas dificuldades financeiras e familiares, decidimos que não tinha outra saída além de irmos morar juntas e assim foi, após isso, até trabalhos individuais se tornaram em dupla, pois sempre havia troca de conhecimento, nossa casa sempre foi muito peculiar. Se uma pedagoga faz bagunça, imagine duas em uma rotina extensa? Eram textos em todas as gavetas e portas possíveis, E.V.A em todo lado, papelão e até hoje em qualquer cômodo da casa você encontra o combo tesoura e caneta, isso sem mencionar o peso de porta que é um pote de lápis e giz de cera. Tudo isso torna o nosso espaço especial, nosso lugar, tão singular e tão lar, reconfortante, como diz o músico e poeta Arlindo Cruz:

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
O meu lugar
Tem seus mitos e seres de luz



É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, lá laiá
Madureira, lá laiá (Cruz, 2012).

Em nossas trajetórias diversas experiências vividas no período da infância e adolescência foram muito importantes para trilhamos nossos este caminhos.

3.1 Carol

Vivenciei uma infância bem livre, brincava com terra, corria, ali já imaginava como seria o meu futuro. Sou filha única, fruto de uma relação momentânea de minha mãe e do meu genitor. Éramos apenas eu e ela, desde sempre e estabeleci uma relação de grande confiança em minha mãe, essa confiança foi fundamental para que tivéssemos uma vida feliz.

Lembro-me que minha mãe tinha em sua cozinha uma enorme prateleira com aproximadamente umas 30 panelas de ferro. Todos os sábados pela manhã, minha mãe fielmente retirava todas as suas panelas da prateleira para arear uma por uma, mesmo não as utilizando, pois achava bonito ver as panelas reluzindo na prateleira.

Aquela prateleira era seu orgulho! Recordo-me, que para auxiliar em suas lavagens ela utilizava um pouco de areia, às vezes até cinza de carvão e elas ficavam lindas, parecendo um espelho.

Ao terminar, as colocava para secar ao ar livre perto de um fogão de lenha que tínhamos em casa. O fogão nos ajudava bastante em dias que o gás da cozinha acabava. Quando cresci um pouco, alcançando o período da pré-adolescência, percebi que algumas das panelas não se encontravam mais na prateleira e somente muitos anos depois, quando preparávamos a mudança de casa, questionei a falta das panelas, minha mãe

com semblante triste respondeu que em determinado momento ela não conseguia emprego e o pouco dinheiro que ela conseguia trabalhando como diarista mal dava para o mínimo, então ela pegava algumas panelas e as vendia em um ferro velho próximo da nossa casa e comprava pão pra gente comer.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se (JESUS, 2004, p. 9).

Sempre percebi minha mãe como uma mulher forte, uma mulher negra atemporal, analfabeta, caçula de 13 irmãos. Enfrentou desafios inimagináveis, se reinventava a cada instante para me dar um futuro com dignidade, recordo também de inúmeras vezes que abdicou de suas próprias vontades para que pudéssemos ter o mínimo. Amava quando sentávamos na sala e ela me contava as histórias de quando era passista da Escola de Samba Monte Castelo, na década de 70. Foi julgada como uma mulher fútil, uma vez que ela queria naquele momento de carnaval esquecer das pesadas cargas da vida.

Aos 15 anos de idade, disse à minha mãe que queria trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Conversei com minha comadre dona de padaria próxima a nossa casa, para me arrumar um emprego de balconista no período da tarde. Ela aceitou e disse que poderia somente 3 horas por dia, para não atrapalhar nos estudos. Recordo que meu salário combinado seria de duzentos e setenta e cinco reais e eu fiquei muito feliz, poderia ajudar minha mãe com as despesas. No entanto, ela disse que não iria aceitar o dinheiro e que era para ser usado para comprar coisas pessoais como absorventes, roupas, lanches na escola, o que eu precisasse para mim. No início do trabalho, ficava muito cansada, afinal, era uma nova rotina com muitas responsabilidades. Três meses depois já estava dobrando a carga horária de trabalho para que o salário também aumentasse. Por outro lado, o desempenho escolar foi caindo muito, mal conseguia prestar atenção nas aulas, dormia muito tarde, uma demanda grande e meu corpo começou a reclamar de tamanho esforço. Assim que me formei no ensino médio, acreditava que encerraria



por ali minha vida estudantil. Comecei a trabalhar de 06h:00min às 21h:00min todos os dias, com uma folga semanal. Dividia entre o trabalho e minhas obrigações na igreja na qual fazia parte desde os seis anos de idade. Dentro da igreja, por muitas vezes me moldava para agradar as outras pessoas. Era vista como uma menina trabalhadora, filha de uma mãe solo, que sempre estava ali para servir. No auge da minha juventude, meu desejo era namorar um rapaz também da igreja, me casar e ter filhos e não decepcionar ninguém, mesmo que anulasse quem eu era de verdade. Tive alguns casos amorosos com 2 ou 3 jovens não me recordo, tudo muito escondido, na época eu não entendia o porquê, um destes rapazes uma semana depois de ter se envolvido comigo chegou no encontro de jovens no qual participávamos assumidamente namorando uma outra jovem, fiquei super desapontada, quando o perguntei o que estava acontecendo, ele me disse para calar a boca e que eu não era menina para namorar, que foi apenas um momento e que ele tinha um tipo de mulher no qual se sentia atraído de verdade e que não era o meu. Ali eu comecei a entender que fazia parte de um determinado "tipo" de mulheres e provaria a solidão das mesmas.

Demorou alguns anos para que eu tomasse coragem de me assumir enquanto mulher lésbica, neste tempo, fiz promessa, jejum, novena, para que Deus tirasse esse sentimento de mim, mas nada acontecia, o sentimento ali estava vivo. Tive um relacionamento com uma mulher, perdi muitos amigos da igreja, posições nas quais ocupava, fiz novos, esse momento foi de suma importância para eu soubesse de fato quem estaria comigo, independente de orientação sexual.

Logo percebi a necessidade de dar continuidade nos estudos e entrei em um curso de pré-vestibular, por meio do qual pude me preparar e entrar para o curso de Licenciatura em Pedagogia da Unidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). A partir do meu ingresso na UEMG iniciou-se uma grande transformação na minha vida. Passei a conviver com novas pessoas, com diferentes perspectivas de mundo, com pensamentos diferentes e o principal para mim naquele momento foi que encontrei pessoas que acreditaram e acreditam em mim, no que eu era capaz e me apoiando no meu percurso de formação em pedagogia.

3.2 Ray

Mesmo antes de entender como funciona a sociedade em que estamos inseridos, eu já havia percebido que teria jornada maior de trabalho só por ter nascido mulher. Minha mãe saía para trabalhar às 5h20min e retornava para casa às 21h30min, todos os dias. Quando a rede de apoio que já era escassa se tornou indisponível, com 10 e 11 anos de idade, passei a assumir responsabilidades com quase tudo à minha volta como: lavar, limpar, cozinhar, cuidados pessoais comigo, tarefas de escola, indo e retornando sozinha da escola. Tudo tinha que estar cumprido quando minha mãe e meu irmão chegassem cansados do trabalho.

Meu pai faleceu quando meu irmão tinha 10 e eu 2 anos de idade. Minha mãe nunca conseguiu do governo a pensão e nem outro tipo de auxílio que pudesse nos ajudar. Logo ela se viu solitária e com duas crianças deprimidas para criar. Isso foi crucial para nossa criação já que ela tinha uma jornada extensa e cansativa, e estava sozinha. Aprendi muito sobre o mundo e a maneira que a mulher é vista nas situações mais difíceis de minha mãe. Sempre fomos nós por nós. Quando a dificuldade financeira apertava e repercutia na alimentação e no lazer que já era bem prejudicado, mãe sempre repetia para nós "podemos estar no fundo do poço, mas sempre estaremos juntos, nós 3, temos que nos apoiar".

Penso hoje na solidão e sofrimento de minha mãe, tendo que sozinha zelar por nós e pela educação de mulher turrona que recebeu, que deve sempre agradar a todos, a boa mulher que fica calada, não incomoda os outros e segue com as regras da sociedade cristã, a tal da mulher guerreira.

Nunca fui de me contentar muito com os estereótipos de gênero e não tinha muitos recursos para protestar, mesmo que revoltada. Meu irmão sempre era agraciado com suas coisas arrumadas e organizadas, enquanto eu menina, se não aprendesse a fazer sozinha e deixasse desorganizado era porca. Os meus brinquedos eram sempre comidinha e boneca, não que eu não gostasse de brincar, mas queria andar de bicicleta

e skate. Aos 11 anos tomei um coro e fui colocada de castigo sem saber o motivo, apenas ouvia repetidas vezes a frase "fica namorando na rua", uma semana depois descobri que o boato se iniciou pois um tio questionou o fato de eu não gostar mais de brincar de bonecas. Ninguém se perguntou o por quê de eu não brincar com as bonecas. Havia tarefas demais para querer brincar de limpar mais coisas.

Ainda existe entre nós o padrão de beleza que sempre rodeiam as meninas. Mesmo que eu tivesse um biótipo próximo do que era considerado pela sociedade de supremacia branca padrão, a sociedade nunca se vê satisfeita em nos tornar infeliz. Teve uma época que eu deveria pentear meus cabelos todos os dias à noite várias vezes, para que assim meu cabelo ficasse plenamente liso como o das meninas consideradas bonitas. Quando isso acontecia, era mais uma noite que a pequena Rayane com seu chapéu de cabelo ia dormir irritada com essa amolação.

Minha mãe dizia que por sermos pobres tínhamos que aproveitar a escola, talvez por isso eu era uma estudante interessada. Sempre tive muitos problemas de concentração e isso dificultou muito meu aprendizado, me achava uma criança de inteligência razoável, achava que precisava me esforçar muito pra conseguir ser uma aluna "boa" dentro dos conceitos arcaicos da instituição que estudava. Não tivemos condições financeiras e nem acesso à informação para me auxiliar nos problemas de aprendizagem... Também, minha mãe cansada, não percebia o que acontecia comigo e na escola não era uma aluna problemática o suficiente para despertar a atenção dos professores.

Entre 14 e 15 anos queria muito trabalhar para ter condições de ajudar em casa e poder comprar coisas básicas ou ter acesso a algum tipo de lazer, iniciei o processo de Jovem Aprendiz, estava muito empolgada, mas na última etapa para iniciar eu teria que me transferir para estudar a noite, minha mãe com inseguranças quanto ao período noturno não permitiu e eu perdi a oportunidade. O formato de trabalho que consegui depois foi panfletando em sinais para uma concessionária de carros e como garçoneiro para uma empresa de buffet, me rendia algum dinheiro mas os eventos não eram



constantes, geralmente eu usava o dinheiro pra comprar coisas de comer que eu tinha vontade e/ou pagava alguma conta pra minha mãe.

Quando formei o ensino médio eu estava bem perdida sobre o que fazer a seguir. Mãe queria que eu tirasse a carteira de motorista com um dinheiro de herança que ela havia recebido e meu irmão ficava no meu pé pra fazer faculdade. Assim, me dediquei para tirar a carteira e fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para ambos fui reprovada nas primeiras tentativas. Na 3ª tentativa consegui a carteira de motorista. No ano seguinte refiz o ENEM minha nota foi pior que a primeira tentativa!

Diante dessa frustração imaginava que não iria conseguir fazer faculdade. Não tinha dinheiro pra fazer particular e achava que não tinha inteligência para passar no vestibular. Todavia, de alguma maneira fiquei sabendo do vestibular próprio da UEMG de Ibirité. De início eu não via possibilidade de fazer pois na época a inscrição era muito cara. Chorava horas a fio, meu irmão já trabalhava e mandou que eu fizesse a inscrição que ele pagaria. Sentia muita angústia pela situação, uma culpa enorme do meu irmão gastar aquele dinheiro comigo. E se eu não passasse de novo? pensava. Li o edital umas quatro vezes e estudei todo o conteúdo disponível que encontrei na Internet. Li resenha dos livros que eram pagos e não podia ter. No período de preparação para o vestibular, meu dia era dividido entre tarefas domésticas e estudar. Logo quando saiu o resultado não havia sido classificada entre as 40 vagas e tinha me colocado em 49 (acho que era isso). Porém o sistema saiu do ar em instantes e voltou com 80 vagas indicando que eu estava classificada. Não acreditava no que estava acontecendo. Sozinha em casa entrei em desespero, liguei para a secretaria da universidade e perguntei pra moça que atendeu se eu tinha passado de verdade, se aquele site estava correto, ela sorriu e disse "Se no site está com seu nome e escrito classificada, então sim, você passou, você deve vir fazer sua matrícula". Mal podia acreditar, fiquei muito ansiosa para contar para minha mãe e meu irmão. Fiquei horas sentada na cozinha esperando eles abrirem a porta e começava a gritar "eu entrei pra faculdade, eu entrei pra universidade pública e gratuita.

3.3 Mulheres LGBTQIAPN+

A nossa trajetória em relacionamentos foi bem parecida. Durante um longo tempo sempre assumimos namoros com homens, mesmo sentindo algo diferente por mulheres. Era um sentimento que deveria ser abafado, não era aceito pela nossa religião, pela família e geralmente a outra mulher não demonstrava nada também. Sempre era algo com sensação de proibido que não poderia existir.

Quando os relacionamentos com os homens fracassavam o sentimento que prevalecia era "mas eu gostava muito da amizade dele" e não sentia falta daquilo como relação amorosa de fato. Era algo tão forçado que acabava não fazendo falta. A vida foi se arrastando pelos anos e a nossa conduta -mesmo as coisas acontecendo cronologicamente diferente para cada uma- era a mesma, sempre tentando se encaixar em um padrão, servindo de saco de pancadas para o palpite e religião dos outros. Até que um dia todo esse abafamento se tornou muito para ser suportado e resolvemos que era hora de começar a viver a própria vida, eu Carol se assumiu quase 5 anos antes de eu Ray.

Para a Carol o maior desafio foi ser aceita dentro da Igreja Católica, sendo sua religião a qual sente que te faz bem. Porém as pessoas da igreja são difíceis de lidar sobre sua orientação sexual. Quanto a aceitação de sua mãe e familiares, foi trabalhoso, porém, mais tranquilo. A mãe de Carol hoje relata que sempre soube mas não sabia como lidar com a situação.

Para a Ray que já não frequentava a igreja da religião de sua família há anos, nesse quesito não houve nenhuma preocupação. Em compensação a relação familiar se encontra abalada mesmo anos depois, Ray tem familiares que não mantêm nenhum tipo de contato mais, ficou mais de 1 ano sem conversar com a mãe e o irmão, foi embora de casa sem condições e sem olhar pra trás, com medo do que poderia acontecer se permanecesse lá. Hoje a relação mãe e irmão está estabelecida de uma forma sensível e diferente, principalmente porque nós vemos o mundo de maneiras diferentes, e depois de tantos acontecimentos não tem como ser a mesma coisa.

Essa realidade de pessoas LGBTQIAPN+ é triste e pode existir histórias mais complexas que as nossas. Dói em saber que pessoas em quem confiamos pode nos apunhalar de repente. Nossa confiança no outro fica fraca, temos medo de pedir ajuda e não ter a certeza em quem confiar. Quando estávamos convidando amigos para serem padrinhos do nosso casamento, uma amiga próxima de Carol respondeu que não poderia, pois a sua religião não permitia. Agora como uma pessoa diz nos amar e pensar assim?

3.4 Relacionamento interracial

O início do nosso relacionamento foi bem marcado pela questão interracial, já tivemos relacionamentos interraciais antes, mas nenhum deles teve um choque de realidade nas mesmas proporções.

O nosso início foi doloroso, tivemos transições sofridas de relacionamentos anteriores. Uma pessoa próxima da Ray com a intenção de incentivar o nosso término, destilou ódio e racismo sem hesitar nenhum segundo, foram alguns meses difíceis de viver. Já enfrentamos o grande desafio que era assumir um relacionamento com outra mulher. Para nós já estava claro o que queríamos e isso para nós não era nenhum problema. No entanto, não imaginávamos que além da homofobia, iríamos também enfrentar o racismo em alguns momentos descarados, já em outros disfarçados de piadas.

Eu Carolina, enquanto mulher negra, já havia sofrido diversos casos de racismo, mas nenhum caso me deixou tão abalada quanto esse. Agora, com 30 anos, pensava que já estava totalmente curada dessas feridas, mas pude perceber que podem até amenizar, mas elas sempre estarão ali. Ouvi que não merecia estar com a Rayane por ser uma mulher gorda, preta e muito feia, que o mínimo que deveria fazer era a tratar como uma princesa, e que não sabiam o que ela viu em mim. Foram inúmeras ofensas, falta de respeito, cheguei ao ponto de juntar provas para denunciar estes casos à polícia, mas decidimos que não faria isso.

Nos afastamos destas pessoas, ignoramos todos os possíveis ataques, encontros ou vínculos, após algum tempo, quando já estávamos à espera de Isis, algumas dessas pessoas nos procuraram para pedir desculpas, e optamos em desculpar seguindo nosso caminho. Temos total consciência de que Ray enquanto mulher branca jamais saberá o que senti, mas também sei que ela saberá como ser mãe e esposa de pessoas negras. Precisamos de aliados na causa contra esses crimes.

Hoje, encontramos fortaleza uma na outra, sempre acreditamos no nosso amor, independente de cor, do que os outros iriam ou não iriam pensar, se iriam ou não concordar, isso nunca foi algo que nos fez pensar em seguir caminhos separadas, ao contrário, tudo isso nos faz crer que estamos num caminho certo, seguindo e acreditando no nosso amor. Me fizeram acreditar por muito tempo que pessoas negras não eram sinônimo de amor, que não somos pessoas para amar e serem amadas, apenas para suprir muitas vezes desejos carnavais, mas aqui estamos, formando nossa família e mais um vez incomodando esse sistema que nos oprime e nos faz desacreditar de nós mesmas.

Quando tudo parecia um passado sórdido e agonizante, uma amiga da faculdade nos trouxe à tona um novo preconceito: não aceitava relacionamentos interracialis. Nós ouvíamos comentários e cochichos de pessoas externas a nós, mas ver e receber pedradas de pessoas queridas, próximas à nós, que comiam a nossa mesa, o sentimento vai além de revolta.

Imagem 1: Carol e Ray



raayninha "Somos vítimas da nossa História e do nosso Presente. Eles colocam demasiados obstáculos no Caminho do Amor. E não podemos sequer gozar nossas diferenças em paz." – Ama Ata Aidoo, Our Sister Killjoy.

Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Na época fizemos a postagem da foto acima nas redes sociais acompanhada de uma citação tirada do livro *Ensinando a transgredir*, da Bell Hooks (2017), gerou uma marca profunda em nossa vida, mas nos ajudou a compreender que não precisamos de outros para nos amar e sermos felizes, isso depende de nós duas, se hoje o indivíduo é nosso amigo e nos respeita, então fará parte de nosso convívio, se amanhã não aceita nosso relacionamento pode então dar tchau que nós não precisamos de mais ódio, que sejam infelizes longe do nosso orgulho.

4. ESTUDANTES MÃES LGBTQIAPN+, MÃES, DE RELACIONAMENTO INTERRACIAL, DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE PEDAGOGIA E NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO

As mães negras tendem a ser rotuladas como bravas, mandonas e superprotetoras de seus lares. Refletindo sobre esse rótulo, podemos observar como isso foi e é um reflexo da realidade em que foram obrigadas a existir.

Investindo contra várias formas de silenciamento, as mulheres negras continuam buscando se fazerem ouvir na sociedade brasileira, conservadora de um imaginário contra o negro. Imagens nascidas de uma sociedade brasileira escravocrata perpassam, até hoje, profundamente, pelos modos das relações sociais brasileiras (Evaristo, 2003, p. 5).

Sem condições de reagir à família de uma forma “calma” a mãe vive um constante exercício de estar sempre dando mais do que pode de si para cuidar dos afazeres domésticos, trabalhar e ter o cuidado minucioso de zelar pelo bem estar dos filhos os ensinando sobre os pequenos erros que não podem cometer fora e dentro de casa para não serem confundidos com crimes hediondos e serem agredidos por portar um guarda-chuvas aparentemente parecido com armas, por exemplo.

Helena Teodoro (1960), também destacando a inserção das mulheres negras na teia familiar, localiza ali as formas de criatividade de suas antecessoras. Para a filósofa, as mulheres negras das gerações passadas deteriam uma capacidade criadora que não apareceria revelada nas formas de arte do poema, da música e da dança, mas nas artes de dentro de casa, no espaço doméstico, no cuidado com as pessoas (EVARISTO, 2003, p. 4).

A mãe de Carol é uma mulher negra, periférica, que passou grande parte da sua vida trabalhando como doméstica. Recordo-me que quando eu Carol era criança, participava do coral infantil da igreja e todas as tardes minha mãe me levava para ensaiar e ali ficava conversando com os outros responsáveis das demais crianças. Em determinado dia, a dinâmica conduzida pela maestra era que as crianças formassem duplas. Ninguém me escolheu. Minha mãe ficou muito brava, parou o ensaio e perguntou o porquê de ninguém me escolher e ninguém respondeu. Quanto mais ela perguntava, mais silencioso ficava o lugar. Naquele momento ela se transformou numa leoa, me pegou pelo braço e disse que iria me abraçar. Nesta situação, minha mãe foi vista como

a figura da mulher negra raivosa, que grita e fala alto, mas esta era a forma que ela encontrou para ganhar voz e me defender de uma situação que poderia gerar um trauma ainda maior em minha vida. É preciso entender todo o contexto das situações antes de "classificar" algumas atitudes e dar credibilidade a todas as dificuldades de vida que esse sujeito carrega que a levaram a aprender a viver de tal maneira.

Atualmente estamos passando uma fase financeira muito complexa e árdua, além das dificuldades da maternidade que são típicas do maternar, uso a palavra típica pois não deveria ser o esperado, enfrentamos também percalços da vida universitária e da realidade de sermos duas mães LGBTQIAPN+, dadas tais dificuldades, não temos "dado conta" de concluir as demandas que nos batem à porta, somos reféns de uma sociedade que nos exclui pela sexualidade por não aceitar quem amamos, pela classe social que não nos propicia qualidade de vida e pela profissão de educadoras que não é tão valorizada e pagam-se baixos salários, como bem explica Westerley Santos:

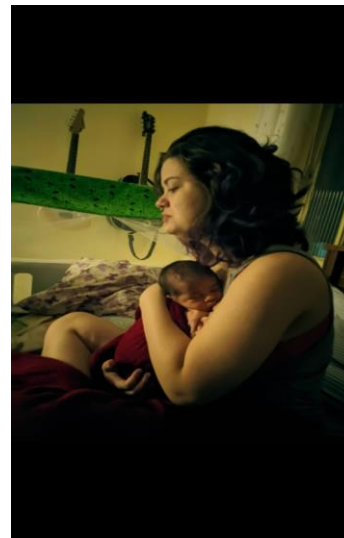
Esta desvalorização atinge direta e perversamente o profissional e seus dependentes e familiares, pois, os colocam em risco imediato de subsistência, presente e futura, isso porque, inviabiliza economicamente sua ascensão social, restringe o acesso aos bens culturais, ao lazer, aos bens de necessidade imediata, material de consumo e principalmente, no caso dos professores, é impeditivo à obtenção de novos conhecimentos necessários ao aprimoramento pessoal e profissional (SANTOS, 2015, p. 351).

Nos deparamos com uma rotina aterrorizantemente arrastada, como solucionar? Estamos sempre dando o nosso melhor, ambas cumprimos com nossos papéis domésticos, maternos e profissionais. Apesar de tanto empenho, às vezes falta energia e tempo para realizar tarefas comuns do dia a dia, além de vivenciarmos a falta de condições financeiras para aproveitar um momento em família que seja externo às tarefas domésticas, o trabalho e a universidade para espairar a cabeça e reconectar corpo e mente.

A sociedade pouco se preocupa com a saúde mental das pessoas de modo geral, para a mãe, então, além de não existir tal preocupação acrescentam-se outras cobranças,

pioorando o que já não era fácil. Nas discussões mais recentes vêm julgando mães sobre a cama compartilhada, aleitamento noturno, se é apropriado ou não ficar com o bebê no colo. Essas questões só nos serviram para trazer mais culpa sobre algo que só deveria nos caber, é uma nova vida, uma rotina tão cansativa conciliada com tantas demandas mais a recuperação física da mãe gestante, neste caso a Ray. A mãe não gestante, no caso a Carol, ainda tentando se apropriar daquela nova realidade e tudo que as pessoas têm a oferecer é um dedo apontado e uma parcela a mais de culpa para nossas mentes fragilizadas do período exaustivo.

**Imagem 2: Fotos tiradas pelo casal nas madrugadas de puerpério em
07/2021**



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Seja entre um grupo de mulheres ou em outros, chama minha atenção o fato de o foco ser sempre o bebê e a criança e quase nunca os sentimentos e o bem-estar maternos. Desta feita, em que as experiências sejam extremamente desiguais e marcadas por diferenças de classe, raça/cor e também conjugalidades, algo de comum parece ser desvelado: a ausência da mãe em si e per si.[...]Escreve-se sobre ela negativamente: no registro da loucura, da depressão e da psicose. Nesse sentido, se uma mulher se sente infeliz, triste, deprimida, exausta, "cansada" (Lustosa e Fleischer, 2018); se chora com o bebê nos braços, algo há de errado e é com



a mulher. Pois um bebê é necessariamente alvo de alegria (CARNEIRO, 2021, p.11, 2021).

Nas condições sociais em que (re)existimos é muito difícil poder escolher entre o lazer ou o necessário, muito provavelmente nós mãe vamos escolher fazer o necessário. Às vezes é melhor ter algo que seja básico para a qualidade de vida do(a) filho(a) do que optar por um meio de lazer. No período de férias do início do ano de 2022, por exemplo, queríamos ter feito uma viagem simples em família ou um lazer de qualidade para descanso, mas não nos foi possível, Ray estava desempregada pois o contrato de trabalho havia sido encerrado, assim tivemos que escolher entre comprar feira e açougue que alimentasse a casa por uns 15 dias ou um lazer de 2 dias. Assim, em mais um período de férias, ficamos em casa.

O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia. ...D. Teresinha veio visitar-me. Ela deu-me 15 cruzeiros. Disse-me que era para Vera ir no circo. Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho 4 cruzeiros (JESUS, 2004, p. 26).

Assim como Carolina de Jesus e a mãe Conceição Evaristo em "Olhos D'água", muitas mães enfrentam diariamente árduos caminhos para levar o mínimo sustento à família. Pensar em uma sociedade em que seus principais desafios é sobreviver, imaginar que o nosso futuro depende exclusivamente de cada um de nós, sendo que somos abandonados à mercê da sorte. A fome, a miséria, o desemprego ainda se faz muito presente ao nosso redor, onde um número de mulheres chefes de família precisam se esforçar ao máximo, com cargas horárias de trabalho extremamente desgastantes, para levar um mínimo às suas famílias.

Outro destaque a ser feito, é que a questão racial sempre será uma pauta em nossa vida, de maneiras boas ou ruins infelizmente, esse é o mundo em que vivemos, como quando nossa filha Isis nasceu tivemos que preencher qual a raça dela no formulário de alta e ao ouvir "preta" a enfermeira ficou encarando a mãe parturiente, no caso Ray, que é branca e hesitou, olhou pra mãe não gestante, no caso Carol preta e



não queria preencher, até que Ray encarou ela firmemente e repetiu "é preta, pode colocar aí!".

Muitas coisas que são simples e comuns, às vezes para nós se torna um desafio, como foi para registrar nossa filha. Ray com 3 dias de pós-parto teve que se deslocar até o cartório, pois mesmo sendo casadas no mesmo cartório inclusive, Carol não era permitida por lei a registrar a criança, um direito que nos foi tomado pelo Estado brasileiro sob a gestão do governo federal atuante de 2019 a 2022. Em consciência da revogação da lei que permitiria Carol registrar a criança por ser casada com a mãe gestante (Ray) em cartório antes da gravidez, no casamento civil Carol teve de alterar o seu nome para que as duas mães tivessem o mesmo nome de família, assim, Isis teria o nome de Carol, para facilitar o processo judicial de alteração do registro para ter o nome das duas mães nos documentos da criança.

4.1. Mãe e estudante universitária

A maternidade é parte das coisas mais gratificantes que já fizemos e das mais difíceis também. São emoções compartilhadas nas duas situações: eu vou conseguir? Não vou conseguir? Não dá tempo para fazer isso, mas tem que dar tempo! Afinal, quem fica bem após tantas horas sem dormir, seja para terminar um trabalho ou porquê a criança está com gases e não se acalma para dormir também? E no fim, quem ou o que é que define se damos conta ou não? Às vezes é um trabalho acadêmico que não conseguimos aprender todo o conhecimento ou um dia em que não conseguimos escovar os dentes da criança. Viemos de uma geração em que as notas altas, caderno cheio, casa limpa e organizada, criança sentada e obediente são sinais de sucesso na vida. Tarefas cumpridas impecavelmente pra ontem são mais valiosas que um retorno a longo prazo. Mas para nós, a sanidade mental preservada, o tempo de qualidade social em família e a conclusão do curso de pedagogia são atualmente os nossos sinônimos de sucesso. Pelo tempo de curso, considera-se que nós temos demorado a terminar nossa formação, mas desde o início nunca foi algo que queríamos cumprir de qualquer forma apenas para encerrar o

curso, por mais que alguns semestres foram mais precários que outros, nosso intuito foi de vivenciar ao máximo cada fase da formação em Pedagogia. Conciliar tudo foi e tem sido difícil por aqui e dentro das nossas condições não conseguimos concluir o curso na data prevista regularmente, isso se deu a tudo que vivemos e as nossas decisões de vida. O processo de escrita do nosso Trabalho de Conclusão de Curso - TCC tem sido mais árduo para nós do que para outras pessoas, porém, em alguns trabalhos de algumas disciplinas conseguimos ter uma boa desenvoltura. Estudar no regime de licença maternidade para Ray por exemplo foi um desafio grande, era fim de semestre e os trabalhos eram bem extensos e mais complexos se comparados com os feitos por quem estava no regime normal. Logo no puerpério já estava sentindo na pele que nada seria como antes pela demanda de estudante e mãe.

Imagem 3: Foto tirada pela mãe Carol durante uma apresentação de trabalho da mãe Ray



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Uma parte também difícil na conciliação mãe e estudante é você ter inúmeros trabalhos para entregar, prazo às vezes apertados, trabalho externo e serviços de casa totalmente acumulados, mas o seu bebê demanda atenção e toda a sobrevivência da criança nessa fase da vida depende dos cuidados do adulto. Com Isis entre nós, optamos

por uma educação respeitosa, onde estaríamos sempre perto auxiliando no que ela precisasse, construindo juntas uma relação de afeto e cuidado. A culpa em não dar conta de todas as nossas obrigações, e às vezes precisar contar com auxílio de alguma coisa como colocar Isis para assistir televisão ou não brincar o tempo que ela gostaria para tentar darmos conta de tudo vem, e junto um sentimento de fracasso maternal e pensar, será que estou sendo uma péssima mãe se eu deixar ela assistir um pouco de televisão a mais para eu conseguir digitar um trabalho, participar de alguma formação ou reunião em grupo? Na elaboração deste trabalho em questão, em alguns momentos estamos utilizando de alguns auxílios que na nossa rotina diária não usamos, como citados acima, para conseguir concluir.

Vivenciamos ainda no período presencial do curso a dificuldade que nossas colegas de classe tinham em conciliar família, filhos, emprego, casa, assim como a gente. Algumas relataram suas rotinas exaustas e super esgotantes, períodos longos fora de casa, a falta que essa presença física com a criança faz, mas a necessidade e a vontade de obter um futuro melhor, com a tão sonhada graduação era grande. Foram muitos cafés compartilhados para ajudar a espantar o sono naqueles corredores.

4.2. Mãe e profissional da educação

Nossa filha nasceu em Julho de 2021, as instituições de educação estavam no início de seu retorno, do extenso período que foi a pandemia da Covid 19, onde milhares de pessoas perderam a vida. O retorno veio com protocolos de saúde. Ray estava no resguardo, que perante a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) são de 120 dias, conforme o seu Art. 392: "A gestante tem direito à licença-maternidade de 120 dias, sem prejuízo do emprego e do salário". Já Carol teve suas férias antecipadas para o mês de julho, e no mês de Agosto retornaria presencialmente na instituição que trabalhava. Um medo tomou conta! Tínhamos em casa um bebê recém nascido, e nossa condição era: uma mãe de puerpério que iriam ficar em casa o dia todo sozinha com a bebê e Carol que em menos de um mês do nascimento de Isis, pegaria 6 ônibus por dia, 3 para ir e 3



para voltar. Por mais que a escola estava seguindo as recomendações para evitar a transmissão vírus da Covid-19, não eram todas as pessoas que encontrávamos no trajeto que estavam cumprindo todos os protocolos de saúde, como usar máscara, o distanciamento, então os nossos cuidados foram redobrados. Devido a pandemia do Covid- 19, não entrávamos em casa com as roupas que usávamos na rua, calçados, todos os objetos eram higienizados, tomávamos banho para daí começar a rotina de casa. Nos 3 primeiros meses de vida de Isis, Ray teve que dar aulas particulares com a recém nascida amarrado no Sling, pois não havia como tirar licença pois nesta época trabalhava por conta própria e não tínhamos rede de apoio naquele momento e isso aumentava a tensão, o medo das doenças contagiosas comuns em crianças e de autocontágio.

Inclusive sobre doenças de transmissão comuns no ambiente escolar, temos um problema rotineiro na vida da mãe e profissional da educação, que está no ambiente de trabalho. Pega uma gripe por exemplo que não é incapacitante de trabalhar mas às vezes a filha em casa recebe o vírus da mãe, mais forte e vira uma gripe forte com direito a febre e noites sem dormir, o que faz dobrar os problemas da mãe em ser mãe e profissional, afinal: se sairmos para o trabalho com quem deixar a criança doente?

Uma das coisas que nós amamos no materno na educação, é poder juntar tudo que nós encontramos de práticas positivas que contribuem para o desenvolvimento saudável da criança e oferecer a nossa filha. Acreditamos na pedagogia Freiriana, que zela pela autonomia do aprendizado da criança, nas palavras de Silva (2022),

Por isso, sua capacidade de criar e recriar brincadeiras que aprende, palavras que ouve pronunciada por outros, dar diversos significados a objetos que encontra por onde passa. Quanto mais se observa que a criança possui liberdade para expressar sobre sua imaginação criadora, mais ela demonstra que a educação que recebe não está castrando sua curiosidade autêntica (SILVA, 2022, p. 37).

Logo, deixamos ela experimentar pra decidir se gosta ou não, se quer ou não. Se torna uma troca de aprendizagens já que utilizamos de experiências com Isis também para usar em sala, como por exemplo, não rotular os alunos por momentos que às vezes

a nossa mente exausta, parece ser uma implicância desnecessária, mas com um contato mais íntimo com Isis percebemos que existe um motivo mais profundo que a criança não sabe expor ainda, dessa maneira, um ciclo completa o outro e achamos que não saberíamos fazer outra coisa de nossas vidas se não fosse assim, a sensação de que estamos onde deveríamos estar.

4.3. Mãe gestante e não gestante

Ser mãe é uma função muito complexa, existe aquele sentimento compartilhado por toda mãe de querer fugir de tudo e todos mas levar os filhos nas costas correndo. Às vezes alguns amigos ou conhecidos nos perguntam como é ser mãe, se nós "indicamos" a prática e a resposta não tem como ser outra: "vai depender de você!". Falamos isso porque se você quiser ter vai ser a coisa mais incrível que você já fez, mas, se não quiser, vai ser um pesadelo! Especialmente na gravidez, para a mãe gestante, ocorre mudanças no seu corpo, existe sensações novas, cansaço físico e emocional, dores, inchaço, náuseas e passar por essa experiência sem desejar é um martírio para o ser humano. Não romantizamos a bela maternidade, mas aconselhamos a todos para terem filhos, é uma baita responsabilidade carregada de potencialidades.

Nós sonhamos em sermos mães durante todo nosso percurso de vida. Carol se via mãe mas nunca teve vontade de gestar e Ray sempre teve vontade de ter a experiência da gestação, logo as ideias se encaixaram e no primeiro encontro para se conhecerem melhor Ray já pediu pra Carol 4 futuros filhos.

A gestação é uma questão bem particular, já que para toda pessoa é diferente e para cada criança gestada a experiência também muda. No caso de Ray gestar Isis foi um sonho realizado, estávamos vivendo um momento financeiro estável, fizemos o enxoval praticamente todo antes de engravidar: berço e lençóis; bebê conforto; banheira; carrinho; fraldas ecológicas e algumas peças de roupa. Teve também acompanhamento de ultrassom e nutricionista particular e pré-natal pelo Sistema Único de Saúde – SUS. Nos organizamos em tudo que podíamos para curtir a gravidez da forma mais

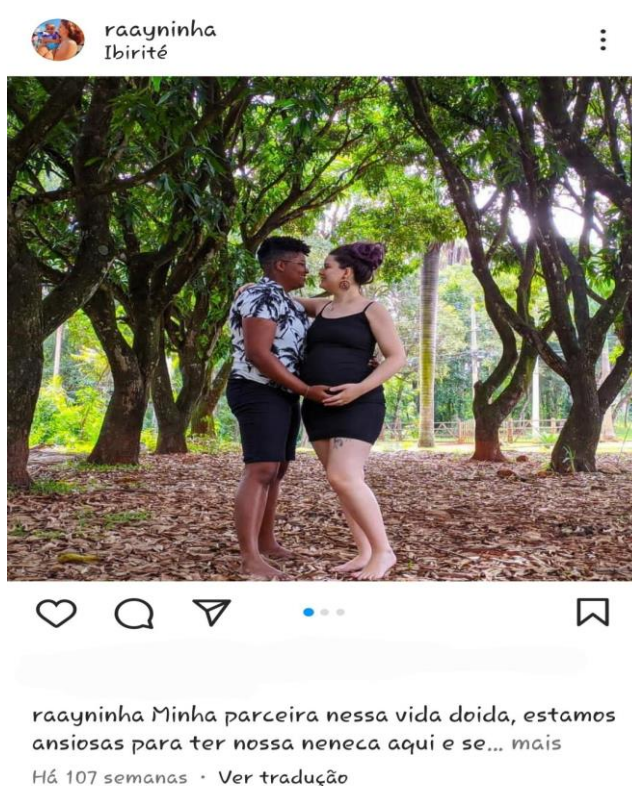
despreocupada possível e assim foi. As coisas fluíram bem, Ray teve muitos enjoos até a data do parto o que a dificultava em trabalhar, por isso vivia acompanhada de um copo com limão espremido e gelo, mas nada que interrompesse o fluxo das tarefas diárias.

Falar sobre ser mãe gestante me deixou (Ray) dias empacada pensando em como descrever o meu gestar. Amei a experiência mesmo nos momentos difíceis, foi algo que me completou enquanto pessoa e com certeza vou tentar viver novamente. É como se fosse um ato de fé, você ama e cuida de alguém que nunca viu, por ter sido a primeira gravidez eu ficava com uma estranha sensação de "será que realmente vai sair uma pessoa daqui?". Acaba se tornando uma coisa abstrata, até minutos antes de sentir o bebê saindo de mim e ver ela no meu colo eu não conseguia acreditar, cheguei a questionar a médica obstetra se realmente sairia um bebê dali após uma hora de Isis coroando e voltando pra dentro. A maternidade me proporcionou uma sensibilidade maior com o meu sagrado feminino, que é a divindade que me atende, que são todas as matriarcas que já passaram por esse mundo que me oferecem um conforto espiritual materno quando bate aquela culpa dolorosa e inevitável. quando me sinto uma mãe ruim por uma situação típica em crianças como quando ela cai durante uma brincadeira, quando não consigo acalmar um choro, quando não consigo oferecer uma variedade de verduras e legumes; quando preciso de uma luz em ocasiões que já não sei mais o que fazer, é isso que tem me regido como mãe com fé em mulheres como nós.

Ser mãe não gestante foi bem difícil em alguns momentos para Carol. Ela viu seu maternar ser desrespeitado por não ter gestado e nem amamentado, não teve licença maternidade e nem pode registrar Isis. Ainda estamos com processo judicial para que Isis possa ter o nome das duas mães na certidão de nascimento. Enquanto Ray gerava Isis em seu ventre, Carol a gestava em seu coração. Acreditamos que o vínculo criado por elas equivale a um amor sem medidas, o tal amor incondicional não vem apenas da genética, mas sim de toda a história, a espera ansiosa pelo bebê a cada dia. Houve alguns momentos que, mesmo afirmando que Isis tem duas mães, as pessoas perguntam quem era o pai e não soa com ar de preocupação, mas sim de julgamento. Algumas pessoas não estão preocupadas de verdade se Isis está bem, saudável, mas sim com a tentativa

de nos enquadrar num padrão de família que não nos pertence e nem a uma grande quantidade de famílias pelo mundo, uma vez que existe distintas configurações de famílias. Quando Carol carregou Isis no colo pela primeira vez, deu o primeiro banho, a primeira comida, auxiliou nos primeiros passos, ali se materializava todo o amor maior para aquele ser tão querido e desejado por nós!

Imagem 4: Á espera de Isis



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

4.4 Nossa filha Isis Maria

Nossa filha é um sonho realizado que já estava em nossos corações a muito tempo. Com um ano de relacionamento decidimos que havia chegado a hora, como não somos um casal heterossexual, começamos a pesquisar meios de engravidar. Descobrimos algumas técnicas de reprodução assistida, no entanto, muito caras, os valores variam

entre 15 mil a 35 mil reais cada tentativa, uma vez que caso não funcionasse, teria que reiniciar todo o tratamento. Passado alguns meses, uma amiga nos falou sobre a existência de um grupo no *Facebook* de pessoas que trocavam experiências de como conseguiram engravidar através do método inseminação caseira. Um determinado grupo de homens do Brasil inteiro coloca fotos e informações sobre suas características que poderão ser passadas geneticamente e assim você escolhe o doador de sua preferência. Os custos da inseminação como exames, deslocamento, é por conta do casal que irá receber a doação do sêmen.

Conversamos muito, pesquisamos todos os pontos positivos e negativos, procuramos ajuda psicológica e decidimos que esse seria o método que usaríamos. Escolhemos um doador que possuía as características que estávamos buscando e entramos em contato, fizemos todos os exames necessários, preparamos o corpo da Rayane com suplementos e boa alimentação e fizemos a primeira tentativa. Vale ressaltar, como já mencionado neste trabalho, que já tínhamos tudo que o futuro bebê precisaria como: bebê conforto, berço, cobertas, carrinho, cômoda, guarda roupas, fraldas ecológicas de pano, cueiros e até um cortador de unhas.

Estávamos bem esperançosas que daria certo já nessa primeira tentativa, pois havíamos feito tudo, mas não deu certo, houve a perda do bebê no estágio bem inicial. Foram dias difíceis, mas nos unimos, nos fortalecemos e caminhamos para a segunda tentativa no mês seguinte. Mesmo apreensivas fomos! Não sabemos explicar, mas de certa forma estávamos muito felizes e calmas. No dia da inseminação rimos muito, nos divertimos e lá íamos nós para a segunda tentativa. Carol como uma pessoa bem ansiosa tratou de correr até a farmácia para comprar um teste, só que ainda estava muito cedo para aparecer o resultado positivo que esperávamos. Os dias foram passando e a ansiedade também, depois de 10 dias de inseminação fizemos o teste, rapidamente apareceu a primeira linha vermelha, ficamos cerca de uns 5 minutos encarando aquele teste e nada. Nos olhamos e voltamos para a cama. Ray acordou desesperada chamando Carol e dizendo "Estamos grávidas, olha a segunda linha aqui!" E lá estava nosso positivo! Isis Maria se tornara realidade em nossas vidas, naquele dia iniciamos o melhor ciclo de

nossas vidas, a família Marques Reis estava aumentando de uma forma linda. Sempre acreditamos que esse momento seria lindo, mas não chegara nem aos pés, foi mais que lindo, foi sublime. Tinha um bebezinho ali se formando, e era nosso! Uma mistura de sentimentos tomava conta de nós, pensávamos como iríamos educar esse serzinho, o como já amávamos sem ao menos ver. Uma atmosfera diferente tomou conta das nossas vidas. Nossos amigos e familiares não acreditavam que estávamos grávidas, revelamos para eles no dia do nosso casamento, foi lindo. Choramos muito e agradecemos ao sagrado feminino por permitir viver algo tão imaculado.

Em todo o advento da Isis, recebemos muito carinho, presentes, presença, apoio, respeito de todos que escolhemos para viver junto da gente este momento. Isis estava ali. Isis Maria Marques Reis, Maria em homenagem a todas as Marias de nossas famílias, mulheres que nos ajudaram, auxiliaram em nosso crescimento, com afeto e amor. Nossa Isis Maria chegou e junto com ela veio o amor para completar nossas vidas, o perdão, a aproximação com pessoas, a alegria de viver. Isso tudo é ser Isis Maria!

Imagem 5: Isis Maria



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).



5) SER PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO E LGBTQIAPN+

Em 2016 Carol iniciou sua trajetória profissional em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte como monitora da escola integrada, onde permaneceu até maio de 2023. Era sua primeira experiência em uma escola, o medo, a dúvida e a incerteza a tomavam conta. A então diretora da época tinha sido sua professora. Carol retornou para a escola que estudou em sua infância, assim, a diretora já a conhecia bem e sabia que ela era lésbica. Não houve nenhum problema na sua contratação.

Durante muito tempo não houve necessidade de falar sobre sua sexualidade com os colegas de trabalho, afinal ninguém chega falando "Prazer, essa é minha orientação sexual!" Mas em determinado momento as especulações estavam atrapalhando muito o seu desempenho profissional, pois falas e ações negativas começaram a vir de todos os lados, e assim, o inevitável aconteceu, muito julgamento e homofobia no ambiente escolar. Nos finais das oficinas ministradas por Carol, algumas crianças sempre a ajudavam na organização da turma. E em determinado momento uma também monitora na época disse que não era para Carol ficar sozinha com as meninas, porque caso as mães ficassem sabendo de sua sexualidade poderiam não gostar. Na época eu Carol concordei com ela e me policiava em não ficar sozinha com as meninas. E agora, construindo as reflexões deste TCC me questionei sobre como minha sexualidade na época foi vista como um perigo a sociedade, como uma espécie de crime muito sério. Naquela época, não tive voz ativa, estava em formação de opinião, mas hoje, não permito que pessoas me vejam como uma pessoa criminosa ou até mesmo perigosa para o bem das crianças. Tanto a minha sexualidade quanto a de qualquer pessoa deve ser respeitada.

Pude desenvolver diversos trabalhos com as crianças que me fizeram entender e evoluir muito enquanto pessoa. Reconhecer e elevar o que havia de mais belo em cada uma delas através da música foi o que me fez amar ainda mais a Pedagogia. Um fato interessante foi que em 2017 uma menina negra de cabelos crespos me disse "Carol, acho que você ficaria ainda mais linda com o cabelo igual ao meu". Ali percebi que quando



assumisse meu cabelo, corporificando-o em minhas aulas, seria uma espécie de ato político também.

Pertencemos a uma cultura marcada por estigmas de inferioridade e subjugação do povo negro, lançando-os a margem de estruturas sociais de reconhecimento e de valor. Dessa forma, a valorização da pessoa negra está envolta em um processo que também se vincula ao elogio (SANTOS, 2021, p. 140-141).

Ray começou a atuar na área da educação em 2019. Na primeira escola Ray teve uma postura muito distante dos outros funcionários, não iniciava e nem dava sequência a nenhum assunto pessoal, para não correr o risco de ter que falar sobre sua sexualidade. Uma vez durante uma brincadeira uma criança começou a cantar para Ray "a professora tem namorada". Aquilo foi inesperado e assustador, uma coisa aparentemente "inocente" e aleatória de uma criança deixou a tal professora com namorada apavorada: "Como assim ela sabe?!", Ray se perguntou. Nas próximas escolas Ray percebeu que essa postura de evitar era uma missão impossível, porém, apenas em situações que houvesse a sensação de ser encurralada que iria comentar sobre o assunto de forma bem rasa.

Hoje em dia o corpo docente da escola em que Ray trabalha tem consciência de nossa família (Ray trabalha em uma escola particular e pequena) e felizmente tudo é tratado de uma maneira bem tranquila entre os colegas. Já com as crianças se torna um assunto delicado. Sabemos a amplitude de opiniões que as famílias podem ter apenas por saber que elas ouviram sobre o assunto dentro da escola vindo da vida pessoal de uma professora. Carol deu a Ray uma mochila de presente de dia dos namorados, lilás e cheia de bottons, logo, as crianças demonstraram interesse e perguntaram a Ray onde ela comprou, e prontamente respondeu que ganhou de presente e as crianças ficaram curiosas para saber quem havia dado um presente tão divertido e assim veio mais uma pontada de desconforto de uma situação comum. Este sentimento de insegurança, está em diálogo com a pesquisa realizada pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) que aponta "que 60% dos participantes se sentem inseguros na escola por se definirem como LGBT. Outros



73% afirmam ter sido agredidos verbalmente e 36% declararam ter sofrido agressões físicas” (MEC, 2017, s/p).

Esses dados evidenciam que docentes LGBTQIAPN+ ainda praticam sua profissão receosos até em ajudar as crianças em situações que pedem ou necessitam de apoio para lidar com problemas de gênero ou sexualidade. Muitas vezes nós não conseguimos ajudar por sermos considerados pessoas que podem influenciar, enquanto os profissionais heterossexuais estão apenas prestando um auxílio íntimo ao estudante, já que a sua sexualidade é considerada como a certa e bem vista, ao contrário do profissional LGBTQIAPN+.

Ser profissional na educação é todos os dias se reinventar da maneira que pode para chamar a atenção dos estudantes, às vezes com pouco recurso; é acreditar naquilo que está fazendo; é se unir a outros profissionais que também acreditam que a educação é transformadora e algo que ninguém nunca tirará de você, mesmo com adversidades que nos são impostas apenas por sermos quem somos, amamos ser educadoras e não pouparemos esforços para fornecer uma educação respeitosa, de qualidade e pública.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas histórias iguais as de tantas mulheres devem ser sempre honradas, ter lugar de fala para que possamos acreditar que fazemos a diferença.

Que nossas histórias se tornem fonte de inspiração para muitas outras pessoas. Ainda estamos num processo de formação tanto profissional, como maternal e pessoal, mas nos esforçamos e puxamos a corda em todos os lados que dá para oferecermos uma educação de qualidade, um materno respeitoso e servir como rede de apoio para pessoas LGBTQIAPN+ que nos procuram em busca de acolhimento.

Para abrilhantar, e encantar este fechamento dos temas que mencionamos no decorrer deste trabalho, recorreremos ao samba-enredo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis do Carnaval de 2018, cuja letra conversa bastante com a nossa realidade.



[...]Sou eu, espelho da lendária criatura
Um monstro carente de amor e de ternura
O alvo na mira do desprezo e da segregação
Do pai que renegou a criação
Refém da intolerância dessa gente
Retalhos do meu próprio Criador
Julgado pela força da ambição
Sigo carregando a minha cruz
À procura de uma luz, a salvação
Estenda a mão, meu senhor
Pois não entendo tua fé
Se ofereces com amor
Me alimento de axé
Me chamas tanto de irmão
E me abandonas ao léu
Troca um pedaço de pão
Por um pedaço de céu
Estenda a mão, meu senhor
Pois não entendo tua fé
Se ofereces com amor
Me alimento de axé
Me chamas tanto de irmão
E me abandonas ao léu
Troca um pedaço de pão
Por um pedaço de céu
Ganância veste terno e gravata
Onde a esperança sucumbiu
Vejo a liberdade aprisionada
Teu livro eu não sei ler, Brasil!
Mas o samba faz
Essa dor dentro do peito ir embora
Feito um arrastão de alegria e emoção, o pranto rola
Meu canto é resistência
No ecoar de um tambor
Vem ver brilhar
Mais um menino que você abandonou
Oh, pátria amada, por onde andarás?
Seus filhos já não aguentam mais! [...] (BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS,
2018).

REFERÊNCIAS

BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS. Samba-enredo Monstro é aquele que não sabe amar (Os filhos abandonados da Pátria que os pariu). [S. l.], 2018. Disponível em:



<https://www.lettras.mus.br/beija-flor-rj/samba-enredo-2018-monstro-e-aquele-que-nao-sabe-amar-os-filhos-abandonados-da-patria-que-os-pariu/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

CARNEIRO, Rosamaria. Cartas para mim ou sobre mim? Notas autoetnográficas de um puerpério não silenciado. **Revista Latinoamericana**. N. 37, 2021.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, Universidade Católica de Salvador, n. 1, 2002.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre (vivência) de dupla face. 2003. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Editora Universitária**, p. 201-212, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HOOKS, Bell. In: De mãos dadas com a minha irmã: solidariedade feminina. Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 127. ISBN 978-85-469-0104-1

JESUS, Carolina Maria De. Quarto de Despejo: Diário de uma favelada. Edição Popular. São Paulo, 1960.

MACHADO, Regiane. O Sagrado feminino: poder que vem de dentro – despertar, cura e empoderamento de mulheres. **Cadernos de Agroecologia** – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia. V. 15, n. 3, 2020.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília DF, v. 23, n. 51, p. 369-389, 2017.

MEC. **MEC recebe Aliança Nacional LGBTI e reafirma compromisso com o respeito à diversidade**. [S. l.], 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/lgbt>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SANTOS, Elândia Dos. **Corpo e Cabelo Negro**: (Re) significações e interações com e de crianças em uma escola de educação infantil de Belo Horizonte. 1. ed. Contagem, Minas Gerais: Editora Escola Cidadã, 2021. ISBN 978-65-88478-18-9.

SANTOS, Westerley A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude**. V. 6, n. 11, p. 349-358, 2015.



SILVA, Otavio Henrique Ferreira da. **Paulo Freire e a docência na educação infantil**. Belo Horizonte: Caravana Editorial, 2022.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**. v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.